Na base está um antropologismo que usa «um rosto humano» como deixa-passar do hodierno ateísmo, para ser aceite sem desconfiança por homens de boa vontade, mas ignorantes das manipulações dos outros. Na verdade, nunca como hoje se instrumentalizou tão amplamente a piedade humana — a piedade do homem pelo homem — ao serviço de ideologias ou de interesses que confinam a pessoa humana numa existência sem perspectivas.

Um retomar de iniciativa por parte dos católicos — iniciativa que deve, entre outras coisas, desfazer o depauperamento metafísico da cultura católica — foi concretamente tratada nas duas primeiras conferências do ciclo, proferidas pelo Prof. Peter Berglar, docente de história moderna na Universidade de Colónia, sobre História universal e Reino de Deus, *e pelo Prof. António Millán Puelles, ordinário de filosofia na Universidade de Madrid, sobre* O problema ontológico do homem como criatura. *O cardeal Wojtyla, que poucos dias antes tinha apresentado a relação teológica ao IV Sínodo dos Bispos sobre* A evangelização no mundo contemporâneo, *concluiu com a conferência* A evangelização e o homem interior, *que é o segundo escrito publicado no livro que estamos a apresentar.*

O cardeal parte da passagem da Carta aos Coríntios em que S. Paulo contrapõe «o homem carnal» ao «homem espiritual» (I Cor 2, 9-16), para afirmar que a moderna edição do «homem carnal» consiste na crescente instrumentalização a que o homem é submetido, quer no Oriente quer no Ocidente. Com efeito, quer o conceito marxista de «alienação», que subentende a primazia da esfera económica, quer o consumismo permissivístico da civilização atlântica, convergem em tornar duro o «combate para o homem espiritual» que o Concílio Vaticano II denominou «acção em favor de um incondicionado desejo de dignidade». A linha deste combate passa pelo interior de cada homem e, filtrando na múltipla dimensão social e económica, toca as instituições humanas, os sistemas económicos e políticos, a civilização e a cultura. A relação entre o crescimento em dignidade da pessoa humana e a possibilidade de imprimir na terra, plasmada pelo progresso técnico, um rosto espiritual, é indicada pelo cardeal Wojtyla «com a expressão tão feliz e a pessoas de todo o mundo já tão familiar, que Mons. Escrivá de Balaguer, Fundador do Opus Dei, difundiu há tantos anos: santificando cada um o próprio trabalho, santificando-se no trabalho e santificando os outros com o trabalho».

Aparece aqui a atenção que o cardeal Wojtyla sempre dedicou aos problemas do laicado. Basta recordar que, durante os trabalhos do Concílio Vaticano II, ele interveio na discussão sobre o esquema De apostolatu laicorum *para defender que o apostolado dos leigos não se restringe só às actividades associativas. Tal precisão era feita não só em referência à situação dos países em que é proibida toda a forma de associação, mas para sublinhar que «o direito a fazer apostolado está ligado ao próprio direito natural do homem de praticar as suas convicções». Todos os fiéis devem sentir-se comprometidos em virtude do seu amor à Igreja, e é preciso excluir do apostolado todos os que, sob pretexto apostólico, perseguem objectivos estranhos à Igreja.*

A conferência termina com uma chamada de atenção para a lógica relação da evangelização, centrada na necessidade de fortalecer o homem interior, com os sacramentos, instituídos por Cristo precisamente para dar ao homem a nova vida dos filhos de Deus.

Na sua terceira intervenção — terceiro escrito do presente volume —, vemos o cardeal Wojtyla no exercício da sua missão de pastor que defende a sua grei contra os abusos da autoridade civil. Trata-se dos discursos pronunciados na festa do Corpus Christi de 1976, em que fez quatro estações perante outros tantos altares. O primeiro discurso deita mão de exemplos concretos de heroísmo de católicos polacos de hoje na confissão da sua fé. E eis a voz do futuro João Paulo II: «Sou recriminado com frequência porque falo destas coisas. Mas, como poderia calar-me? como poderia deixar de escrever? como poderia não intervir?(...) Porque a causa da liberdade espiritual do homem, da liberdade das consciências, da liberdade religiosa, é uma grande causa humana!, do homem de sempre, do homem de hoje!». O segundo pensamento é para os fiéis que habitam em bairros e subúrbios, privados de templos, e, com esta ocasião, o cardeal Wojtyla expressa o seu protesto porque a procissão não possa atravessar a Praça Maior. Na terceira estação, ora ao Senhor para que a difusão de teorias erróneas e moralmente prejudiciais não encontre a cumplicidade dos meios de comunicação social. Finalmente, a quarta oração é de modo especial pelas vocações sacerdotais e pelo futuro da Faculdade de Teologia de Cracóvia.

Nos três capítulos que configuram este livro, percebe-se o timbre, a certeza inquebrantável do homem de fé, o talante teológico e profundo das suas dissertações, ao mesmo tempo que acessível, do homem que, poucos anos depois, seria chamado por Deus a governar o timão da barca de Pedro. — José A. Marques.

Teologia Moral e Espiritual

GRINGS, Dadeus, **Nosso Deus, Pai, Filho, Espírito Santo.** Ed. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1 vol. de 164 pgs. 152×220. Brasil 1974.

Hoje como ontem, vai-se repetindo que a SS. Trindade tem origem nas tríades do paganismo. Houve-as de facto tanto na filosofia como nas religiões antigas. Filão elaborou uma tríade para explicar o mal. As religiões orientais e politeístas da Babilónia, Pérsia, Índia, Egipto, etc., apresentam as suas tríades. A grande conclusão que se deve inferir é que o Deus Trino deixou vestígios da sua Trindade no homem e no mundo. A doutrina trinitária distingue-se essencialmente dessas tríades, não só pelo seu conteúdo, senão também pela sua fonte. Não proveio de qualquer realidade mundana. Conhecemos tanto mistério só porque Deus o disse. E revelou-o para a maior riqueza da nossa vida espiritual. Nele podemos ver o sentido de cada Pessoa divina para o nosso crescer em Cristo; ver a nossa relação pessoal com cada uma das pessoas divinas; podemos examinar a importância sem limites da SS. Trindade na Igreja. Daí, o mistério Trinitário constituir, ao longo da história cristã, o ponto central e como que o fio condutor. É por isso que os Símbolos da fé cristã são trinitários; a Liturgia é trinitária, dirigindo-se ao Pai por Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo; a nossa consagração cristã fez-se pelo baptismo em nome das três Pessoas divinas; o sinal da Cruz simboliza que a Cruz nos introduz na riqueza da SS. Trindade. Vemos no presente volume uma tentativa para nos mostrar como o nosso Deus uno e trino implica conhecimentos e exigências para a nossa melhor perfeição em Cristo. Não é um tratado, nem sequer esquemático, do Deus uno e trino *de harmonia com as exigências do neotomismo. Muito menos, de harmonia com as exigências do Vaticano II e determinações da Santa Sé. Não obstante, está-nos presente estudo muito válido. De grande vantagem para o clero e os próprios leigos. Nele está o melhor da revelação, com ricas aplicações práticas.* — M. de Faria

ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría, **Amigos de Dios. Homilías.** Ed. Rialp. 1 vol. de 467 pgs. 110×170. Madrid 1977.

Quando escrevemos esta recensão, já o novo livro de Mons. Escrivá de Balaguer é considerado como um best-seller. *O seu autor, durante os seus cinquenta anos de sacerdócio, dedicou muitas horas à pregação. Pregar, proclamar a palavra de Deus foi*

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

— *assim gostava de o dizer — uma das suas paixões dominantes. De bastantes das meditações e homilias por ele pronunciadas conserva-se, felizmente, o texto completo.* Amigos de Dios *recolhe 18 homilias. Algumas foram publicadas durante a sua vida, outras estão a ser editadas a título póstumo.*

Em 1973 — dois anos antes da morte do Fundador do Opus Dei — foi publicado um primeiro volume de homilias: Cristo que passa, *que já foi traduzido para português. Nessa obra Mons. Escrivá de Balaguer, seguindo o ritmo do ano litúrgico, comentava algumas das realidades fundamentais do dogma católico: a vida, morte e ressurreição de Cristo, a vinda do Espírito Santo, a missão da Virgem Santíssima e a de S. José... Em* Amigos de Dios, *pressupondo todo esse pano de fundo, fala-nos, pelo contrário, do cristão, do homem que acolhe a fé de Cristo e aspira a viver segundo essa fé: as homilias incluídas neste livro tratam, na verdade, dos ideais que implica o existir cristão e das virtudes que lhe servem de fundamento.*

Depois de termos lido pausadamente este livro, pareceu-nos que a melhor recensão que se poderia fazer era transcrever boa parte da apresentação feita por D. Alvaro Del Portillo, actual Presidente Geral do Opus Dei. E o que vamos fazer.

«Nunca pretendeu (Mons. Escrivá de Balaguer) ser um autor, *apesar de figurar entre os mestres de espiritualidade cristã. A sua doutrina, amável e esforçada, é para ser vivida no meio do trabalho, no lar, nas relações humanas, em toda a parte. Possuía a arte, humana também, de dar* lebre por gato! *Com que agrado se lê! As expressões directas, a vivacidade das imagens chegam a toda a gente, ultrapassando diferenças de mentalidade e cultura. Aprendeu na escola do Evangelho: daí a sua clareza, esse acertar em cheio no fundo da alma, esse jeito de não passar de moda, por não estar na moda.*

«Estas dezoito homilias traçam um panorama das virtudes humanas e cristãs básicas para aqueles que quiserem acompanhar de perto os passos do Mestre. Não são nem um tratado teórico, nem um prontuário de boas maneiras do espírito. Contêm doutrina vivida, em que a profundidade do teólogo vai unida com a transparência evangélica do bom pastor de almas. Com Mons. Escrivá de Balaguer, as palavras tornam-se colóquio com Deus — oração —, sem deixarem de ser uma conversa íntima, em sintonia com as inquietações e esperanças daqueles que o escutam. Estas homilias são, pois, uma catequese de doutrina e de vida cristã onde, ao mesmo tempo que se fala de Deus, se fala com Deus: talvez seja este o segredo do seu grande poder comunicativo, porque sempre se refere ao Amor, com os olhos postos em Deus sem descanso e sem cansaço (Rumo à santidade, *n.º 296).*

«Logo no primeiro texto se recorda aquilo que foi tema constante da pregação de Mons Escrivá de Balaguer: que Deus chama todos os homens à santidade. Fazendo-se eco das palavras do Apóstolo — é esta a vontade de Deus, a vossa santificação *(I Tes IV, 3) — adverte: 'temos de ser santos — dirvo-lo-ei com uma expressão castiça da minha terra —* sem que nos falte um só cabelo: *cristãos de verdade, autênticos, canonizáveis; e, se não, teremos fracassado como discípulos do único Mestre'* (A grandeza da vida corrente, *n.º 5). E mais adiante precisa: 'a santidade que Nosso Senhor te exige alcança-se cumprindo com amor de Deus o trabalho, as obrigações do dia a dia, que quase sempre se compõem de pequenas realidades'* (Ibidem, *n.º 7).*

«Onde se apoia, com que títulos conta o cristão para fomentar na sua vida tão assombrosas aspirações? A resposta é como que um estribilho, que aparece, uma vez e outra, ao longo destas homilias: a audácia humilde 'daquele que, sabendo-se pobre e débil, se sabe também filho de Deus' (Humildade, *n.º 96).*

«Para Mons. Escrivá de Balaguer é clara a grande alternativa que caracteriza a existência humana: 'Escravidão ou filiação divina: eis o dilema da nossa vida: ou filhos de Deus ou escravos da soberba' (A liberdade, dom de Deus, *n.º 38). Com a ajuda do exemplo santo de entrega fiel e heróica do Fundador do Opus Dei, considerei ainda com mais insistência na minha oração, desde que o Senhor levou para junto de si aquele a quem eu mais queria, que sem a humildade e a simplicidade da criança não podemos dar um passo sequer no caminho do serviço de Deus. 'Humildade consiste em nos vermos como somos, sem disfarces, com verdade. E ao compreendermos que não valemos quase nada, abrimo-nos à grandeza de Deus. Esta é a nossa grandeza'* (Humildade, *n.º 96).*

«É preciso que Ele cresça e eu diminua (Jo III, 30) foi o ensinamento de João, o Precursor. E Cristo diz: aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração *(Mt XI, 29). Humildade não é* apoucamento humano; *a humildade que lateja na pregação do Fundador do Opus Dei é algo de vivo e profundamente sentido, pois 'significa reconhecer-se pouca coisa diante de Deus:* menino, filho (Humildade, *n.º 108). Mons. Escrivá usa uma expressão que talvez não tenha precedentes:* vibração de humildade (Vida de fé, *n.º 202); porque a pequenez da criança, assistida pela protecção omnipotente do seu Pai Deus, vibra em obras de fé, de esperança e de amor, e de todas as outras virtudes que o Espírito Santo infunde na sua alma.*

«Em nenhum momento se afasta do âmbito da primeira homilia: a vida corrente, o que é habitual, o que acontece todos os dias, Mons. Escrivá de Balaguer trata de todas as virtudes com referências contínuas à vida do cristão que está no meio do mundo, porque é esse o seu sítio, o lugar onde Deus o quis colocar. Aí se desenvolvem as virtudes humanas: a prudência, a veracidade, a serenidade, a justiça, a magnanimidade, a laboriosidade, a temperança, a sinceridade, a fortaleza, etc. Virtudes humanas e cristãs, porque a temperança se aperfeiçoa com o espírito de penitência e de mortificação; o cumprimento austero do dever adquire outra dimensão com o toque divino da caridade, 'que é como que um transbordar generoso da justiça' (Viver face a Deus e face aos homens, *n.º 173). Vivemos no meio das coisas que utilizamos, mas desprendidos, com o coração limpo.*

Como, para os que andam em negócios de almas, o tempo *é mais que ouro, é* Céu *(Cfr.* Caminho, *n.º 355), o cristão deve aprender a empregá-lo com diligência, para manifestar o seu amor a Deus e o seu amor aos outros homens,* santificando o trabalho, santificando-se no trabalho, santificando os outros com o trabalho: *com um cuidado solícito pelas coisas pequenas, quer dizer, sem sonhos estéreis, com o heroísmo silencioso, natural e sobrenatural, daquele que vive com Cristo a realidade quotidiana. 'Em sítio algum está escrito que o cristão deve ser um personagem estranho ao mundo. Nosso Senhor Jesus Cristo, com obras e com palavras, fez o elogio de outra virtude humana que me é particularmente querida: a naturalidade, a simplicidade (...). Acontece, no entanto, que os homens costumam habituar-se ao que é chão e corrente e inconscientemente procuram o que é aparatoso e artificial. Tê-los-eis comprovado, como eu. Elogia-se, por exemplo, o primor de umas rosas frescas, recém-cortadas, de pétalas finas e perfumadas. E o comentário é: parecem artificiais!»* (Virtudes humanas, *n.º 89).*

«Estas palavras do Fundador do Opus Dei chegam até nós assim: com o viço de rosas frescas, fruto de toda uma vida de intimidade com Deus e de um apostolado imenso, como um mar sem fim. *E a juntar à simplicidade, ressalta nestes escritos um contraponto constante de amor apaixonado, transbordante. É um sentir que 'bate em nós com mais força o coração'* (Rumo à santidade, *n.º 294), um 'tende pressa em amar'* (Seguindo os passos do Senhor, *n.º 140), porque 'todo o espaço de uma existência é pouco para alargar as fronteiras da tua caridade'* (O tesouro do tempo, *n.º 43).*

«Passamos assim a outro dos grandes temas de que falava nas suas meditações: 'a teia divina das três virtudes teologais, que compõem o fundo sobre o qual se tece a existência autêntica do homem cristão, da mulher cristã' (A esperança do cristão, *n.º 205). As referências são contínuas: 'viver de fé; perseverar com esperança; permanecer unidos a Jesus Cristo; amá-lo de verdade, de verdade, de verdade'* (A grandeza da vida corrente, *n.º 22); 'a segurança de me sentir — de me saber — filho de Deus enche-me de verdadeira esperança'* (A esperança do cristão, *n.º 208); 'chegou a hora de, no meio das tuas ocupações correntes, exercitares a fé, despertares a esperança, avivares o amor'* (Trabalho de Deus, *n.º 71).*

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

«Depois das três homilias sobre a fé, a esperança e a caridade, vem uma sobre a oração; mas a necessidade da vida de intimidade com Deus está já presente desde a primeira página. 'A oração deve enraizar-se pouco a pouco na alma' (Rumo à santidade, n.º 295), com naturalidade, simples e confiadamente, porque 'os filhos de Deus não precisam de um método, quadriculado e artificial, para se dirigirem ao seu Pai' (Vida de oração, n.º 255). A oração é o fim dessa urdidura das três virtudes teologais. Tudo se encaminha para uma só coisa: a vida adquire uma ressonância divina e 'essa união com Nosso Senhor não nos afasta do mundo, não nos transforma em seres estranhos, alheios à passagem dos tempos' (Ibidem, n.º 251).

«No meio dos comentários preciosos e ajustados à Sagrada Escritura e do recurso assíduo ao tesouro da tradição cristã, irrompem esses impulsos de amor, como um rio impetuoso: 'Que grande é o amor, a misericórdia do nosso Pai! Perante estas realidades das suas loucuras divinas pelos filhos, quereria ter mil bocas, mil corações mais que me permitissem viver num contínuo louvor a Deus Pai, a Deus Filho, a Deus Espírito Santo' (A liberdade, dom de Deus, n.º 33).

«Qual a razão de um amor tão forte? Porque Deus o infundiu no seu coração e, ao mesmo tempo, porque ele soube secundá-lo com a sua livre vontade e contagiá-lo a milhares de almas. Queria nos dois sentidos da palavra: amava e queria querer, corresponder a essa graça que o Senhor tinha posto na sua alma. A liberdade no amor tornou-se nele paixão: 'livremente, sem qualquer coacção, porque me apetece, decido-me por Deus. E comprometo-me a servir, a converter a minha existência numa entrega aos outros, por amor ao meu Senhor Jesus. Esta liberdade incita-me a clamar que nada, na terra, me separará da caridade de Cristo' (Ibidem, n.º 35).

«O caminho rumo à santidade que Mons. Escrivá de Balaguer nos propõe está baseado num profundo respeito pela liberdade. O Fundador do Opus Dei deleita-se com as palavras de Santo Agostinho em que o Bispo de Hipona afirma que Deus considerou serem melhores aqueles servidores que livremente o servissem (Santo Agostinho, De vera religione, 14, 27 — PL 34, 134 —). Essa ascensão ao Céu é, além de tudo o mais, caminho muito apropriado para aquele que está no meio da sociedade, no trabalho profissional, em circunstâncias por vezes indiferentes ou decididamente contrárias à lei de Cristo. O Fundador do Opus Dei não fala para personagens de estufa; dirige-se a pessoas que lutam ao ar livre, nas mais diversas circunstâncias da vida. É aí que brota, com liberdade, essa decisão de servir a Deus, de o amar acima de todas as coisas. A liberdade torna-se imprescindível e, em liberdade, o amor fortalece-se, toma raízes: 'o santo não nasce: forja-se no jogo contínuo da graça divina e da correspondência humana' (A grandeza da vida corrente, n.º 7).

«Fomentam-se, pois, para crescer em intimidade com Deus, duas paixões: a do amor e a da liberdade. Estas forças unem-se quando a liberdade se decide pelo Amor de Deus. E essas torrentes de graça e de correspondência já podem resistir a todas as dificuldades: ao terrorismo psicológico (Rumo à santidade, n.º 298) que se ergue contra os que desejam ser fiéis ao Senhor; às misérias pessoais, que nunca chegam a desaparecer, mas que se convertem em ocasião para afirmar de novo o amor, com a liberdade do arrependimento; aos obstáculos do ambiente, que temos de superar com uma sementeira de paz e de alegria (Humildade, n.º 105).

«Momentos há em que, nas referências a esse grande jogo divino e humano da liberdade e do amor, se vislumbra um pouco do sofrimento — da dor de amor, por falta de correspondência da humanidade à misericórdia divina — que acompanhou sempre a vida de Mons. Escrivá de Balaguer. Era difícil dar-se conta disso ao vê-lo. Poucas pessoas passarão por este mundo com tanta alegria, com tão bom humor, com um tal sentido de juventude e de viver o dia a dia. Não tinha a nostalgia de nada, a não ser do amor de Deus. Mas sofreu. Muitos dos seus filhos que o conheceram de perto, comentaram comigo depois: como era posível que o nosso Padre sofresse tanto? Vimo-lo sempre alegre,

atento aos mínimos pormenores, entregue a todos nós. A resposta, indi directa, está nalgumas destas homilias: 'não vos esqueçais de que estar com Jesus é seguramente encontrar se com a Sua Cruz. Quando nos abandonamos nas mãos de Deus, é frequente que Ele permita que saboreemos a dor, a solidão, as contradições, as calúnias, as difamações, os escárnios, por dentro e por fora, porque quer conformar-nos à sua imagem e semelhança e permite também que nos chamem loucos e que nos tomem por néscios' (Rumo à santidade, n.º 301).

«Por este saber abraçar-se apaixonadamente à Cruz do Senhor, Mons. Escrivá de Balaguer podia dizer que 'a minha vida levou-me a saber-me especialmente filho de Deus e saboreei a alegria de me meter no coração do meu Pai, para rectificar, para me purificar, para o servir, para compreender e desculpar a todos, tendo como base o seu amor e a minha humilhação' (Intimidade com Deus, n.º 143). Secundou sempre docilmente as moções do Espírito Santo, de modo que a sua conduta fosse um reflexo da imagem formosa de Cristo. Acreditava à letra nas palavras de Cristo e foi frequentemente atacado por aqueles que parecem não suportar que se possa viver da fé, com esperança e com amor. 'Talvez alguns pensem que sou ingénuo. Não me importa. Embora me qualifiquem desse modo, porque continuo a acreditar na caridade, afirmo-vos que acreditarei sempre! E, enquanto Ele me conceder vida, continuarei a ocupar-me — como sacerdote de Cristo — de que haja unidade e paz entre os que, por serem filhos do mesmo Pai, Deus, são irmãos; de que a humanidade se compreenda; de que todos partilhem do mesmo ideal: o da Fé!' (Viver face a Deus e face aos homens, n.º 174).

«A paixão do amor e da liberdade, a consciência de que temos de nos mover no âmbito divino da fé e da esperança, conduzem ao apostolado. Uma homilia — Para que todos se salvem — é inteiramente dedicada a este tema. 'Jesus está junto do lago de Genesaré e as pessoas comprimem-se à sua volta, ansiosas por ouvirem a palavra de Deus (Lc V, 1). Tal como hoje! Não estais a ver? Estão desejando ouvir a mensagem de Deus, embora o dissimulem exteriormente. Talvez alguns se tenham esquecido da doutrina de Cristo; talvez outros, sem culpa sua, nunca a tenham aprendido, e olhem para a religião como uma coisa estranha... Mas convencei-vos de uma realidade sempre actual: chega sempre um momento em que a alma não pode mais; em que não lhe bastam as explicações vulgares; em que não a satisfazem as mentiras dos falsos profetas. E, mesmo que nem então o admitam, essas pessoas sentem fome, desejam saciar a sua inquietação com os ensinamentos do Senhor' (Para que todos se salvem, n.º 260).

«O nervo do apostolado, essa apaixonada comunicação do amor impaciente de Deus para com os homens, atravessa as fibras de todas as páginas deste volume. Trata-se de 'pacificar as almas com uma paz autêntica' e de 'transformar a terra' (Rumo à santidade, n.º 294). Mons. Escrivá de Balaguer volta continuamente o seu olhar para o Mestre, que ensinou aos homens a falar da felicidade eterna com palavras humanas e divinas. Não resisto a transcrever uma passagem de Rumo à Santidade em que o Fundador do Opus Dei comenta uma cena evangélica que o enamorava: o apostolado de Jesus com os dois discípulos de Emaús, que talvez tivessem perdido a esperança.

«'O seu caminhar era normal, como o de tantas outras pessoas que transitavam por aquelas paragens. E aí, com naturalidade, aparece-lhes Jesus e vai com eles, com uma conversa que diminui a fadiga. Imagino a cena: já bem adiantada a tarde, sopra uma brisa suave; de um lado e de outro, campos semeados de trigo já crescido e as velhas oliveiras com os ramos prateados pela luz indecisa' (Ibidem, n.º 313).

«É Cristo que passa. Aqueles dois homens, quando vêem que Jesus faz menção de continuar o caminho, dizem-lhe: fica connosco, porque é tarde e anoitece (Lc XXIV, 29). 'Somos assim: sempre pouco atrevidos, talvez por falta de sinceridade, talvez por pudor. No fundo pensamos: fica connosco, porque as trevas nos rodeiam a alma e porque só Tu és luz, só Tu podes acalmar esta ânsia que nos consome' (Rumo à santidade, n.º 314).

«Este desejo de Deus, que todos

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

levamos dentro, oferece o terreno diário para o apostolado do cristão. Nós, os homens, clamamos por Ele e procuramo-lo mesmo entre as consciências que duvidam ou que têm os olhos postos no chão. 'E Jesus fica. Abrem-se os nossos olhos como os de Cléofas e do seu companheiro, quando Cristo parte o pão; e mesmo que Ele volte a desaparecer da nossa vista, também seremos capazes de empreender de novo a marcha — anoitece — para falar aos outros d'Ele, porque tanta alegria não cabe num só coração' (Ibidem, *n.º 314).*

«Eu volto com a memória àquele 26 de Junho de 1975 — que me é presente e que não esquecerei jamais. Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer nasceu definitivamente para o Amor, porque o seu coração ansiava já por um Emaús interminável, ficar para sempre junto de Cristo. Em Rumo à Santidade *tinha escrito: 'nasce uma sede de Deus, uma ânsia de compreender as Suas lágrimas; de ver o Seu sorriso, o Seu rosto (...). E a alma avança, metida em Deus, endeusada; o cristão tornou-se um viajante sedento, que abre a sua boca às águas da fonte'* (Ibidem, *n.º 310). E mais adiante: 'agrada-me falar de caminho, porque somos caminhantes; dirigimo-nos para a casa do Céu, para a nossa Pátria'* (Ibidem, *n.º 313).*

«Ali habita ele com a Trindade Beatíssima; com Maria, a Santa Mãe de Deus e nossa Mãe; com S. José, a quem, tanto amava. Muitos de nós por toda a parte, confiamos-lhe as nossas orações, certos de que Deus Nosso Senhor se compraz naquele que quis ser — e que foi durante toda a sua vida aqui na terra — um servo bom e fiel. *(Mt, XXV, 21).*

«Os escritos do Fundador do Opus Dei publicados até à data — especialmente Caminho, Santo Rosário, Cristo que passa, Temas actuais do Cristianismo *— ultrapassaram os cinco milhões de exemplares e estão traduzidos em mais de trinta línguas. Este segundo volume de homilias sai dos prelos com o mesmo fim: servir de instrumento para aproximar as almas de Deus. A Igreja atravessa momentos difíceis e o Santo Padre não se cansa de exortar os seus filhos à oração, à visão sobrenatural, à fidelidade ao sagrado depósito da Fé, à compreensão fraterna, à paz. Nestas circunstâncias não podemos sentir-nos desanimados: é a hora de pôr em prática, até ao heroísmo, as virtudes que definem e configuram a imagem do cristão, do filho de Deus que procura 'que a cabeça toque o céu, mas que os pés assentem na terra, com segurança'* (Virtudes humanas, *n.º 75), enquanto caminha nesta cidade temporal.*

«A vida do cristão que decida a comportar-se de acordo com a grandeza da sua vocação converte-se num eco prolongado daquelas palavras do Senhor: já não vos chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; chamei-vos amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai, vo-lo dei a conhecer *(Jo XV, 15). Estar pronto a seguir docilmente a Vontade divina abre horizontes insuspeitados. Mons. Escrivá de Balaguer deleita-se em sublinhar este formoso paradoxo: 'não há nada melhor que saber que somos por amor escravos de Deus, porque perdemos a situação de escravos para nos tornarmos amigos, filhos'* (A liberdade, dom de Deus, *n.º 35).*

«Filhos de Deus, Amigos de Deus: *esta é a verdade que Mons. Escrivá de Balaguer quis gravar a fogo naqueles com quem convivia. A sua pregação é um apelo constante às almas para que não pensem 'na amizade divina exclusivamente como um recurso estremo'* (Vida de oração, *n.º 247). Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem: nosso Irmão, nosso Amigo; se procurarmos criar intimidade com ele, 'participaremos na dita da amizade divina'* (Rumo à santidade, *n.º 300); se fizermos o possível por acompanhá-lo desde Belém até ao Calvário, compartilhando das suas alegrias e dos seus sofrimentos, tornar-nos-emos dignos da sua companhia amistosa:* calicem Domini biberunt — *canta a Liturgia das Horas* — et amici Dei facti sunt, *beberam do cálice do Senhor e tornaram-se amigos de Deus (Responsório da segunda leitura do ofício da Dedicação das Basílicas dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo).*

«Filiação e amizade são duas realidades inseparáveis para aqueles que amam a Deus. A Ele acudimos como filhos, num diálogo que há-de encher toda a nossa vida; e como amigos, porque 'nós, os cristãos, estamos enamorados do Amor' (Porque verão a Deus, *n.º 183). Do mesmo modo, a filiação divina leva a que a abundância de vida interior se traduza em actos de apostolado, tal como a amizade com Deus leva a pormo-nos 'ao serviço de todos: utilizar esses dons de Deus como instrumentos para ajudarmos os homens a descobrirem Cristo'* (Para que todos se salvem, *n.º 258).*

Enganam-se aqueles que vêem um fosso entre a vida corrente, entre as coisas temporais, entre o decurso da história e o Amor de Deus. O Senhor é eterno; o mundo é obra sua e Ele pôs-nos aqui para que o percorramos fazendo o Bem, até chegarmos à Pátria definitiva. Tudo tem importância na vida do cristão, porque tudo pode ser ocasião de encontro com o Senhor e, por essa mesma razão, alcançar um valor imorredouro. 'Mentem os homens, ao dizer para sempre *em coisas temporais. Só é verdade, com uma verdade total, o* para sempre *em relação a Deus. E assim hás-de viver tu, com uma fé que te ajude a sentir sabor de mel, doçura de céu, ao pensares na eternidade, que essa é, de verdade, para sempre'* (Vida de fé, *n.º 200). Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer conhece agora esses sabores e doçuras de Deus. Entrou na eternidade. Por isso, as suas palavras, também as destas homilias que agora apresento, adquiriram — se possível — mais força, penetram mais profundamente nos corações, arrastam. Termino com um texto que poderá contagiar-nos com outra das suas paixões dominantes:*

«Amai a Igreja, servi-a com a alegria consciente de quem soube decidir-se a esse serviço por Amor. E se virmos que alguém anda sem esperança, como os dois discípulos de Emaús, acerquemo-nos dele com fé — não em nome próprio, mas em nome de Cristo — para lhe assegurarmos que a promessa de Jesus não pode falhar, que Ele vela sempre pela Sua Esposa, que não a abandona. Que as trevas hão-de passar, porque somos filhos da luz (cfr. Eph. V, 8) e estamos chamados a uma vida predurável' (Rumo à santidade, *n.º 316)».*

Apesar da extensão desta resenha, parece-nos que assim fica devidamente apreciada uma obra que esperamos ver publicada em português dentro em breve. — José A. Marques.

História Eclesiástica e Patrologia

JEDIN, Hubert, **Manual de Historia de la Iglesia. Tomo VIII.** Versão espanhola de Alexandre E. Latorial. Ed. Herder. 1 vol. de 836 pgs. 121×141. Barcelona 1978.

Este oitavo volume trata do esforço que a Igreja fez para se adaptar aos novos condicionalismos do fim do séc. XIX e princípio do séc. XX, bem como da resistência às novas tensões externas e internas, que se manifestam, durante os Pontificados de Leão XIII e Pio X, até 1914.

Os colaboradores e o seu preclaríssimo Director deram mais espaço aos assuntos estudados, porque eles são raízes dos problemas actuais. Assim, falam, com bastante desenvolvimento, dos partidos políticos e dos regimes parlamentares, dos movimentos sociais e da união das Igrejas, porque tais questões dominaram a vida da Igreja e da sociedade em que Ela está inserida.

A 1.ª parte, dividida em quatro secções, é consagrada ao problema da adaptação da Igreja ao mundo moderno. Na 1.ª secção, de p. 67 a 283, estuda-se a situação da Igreja nos vários países até 1914 (Kulturkampf, na Alemanha, tensões entre a Igreja e o Estado no império austríaco, a evolução do catocilismo na Suiça; a situação dos católicos e da vida da Igreja na Itália com a política do «non expedit», o «conservadorismo» nos Pai-

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei